

# SEMANA EM CHAMAS

Lavínia de Sousa Almeida Mendes

Asfalto desgastado  
Ondulações disformes  
Acentuadas pelo reflexo do sol  
A quentura cintila  
As ruas falsamente flutuam

Minhas pálpebras cansadas  
Procuram o transporte público  
Nada à vista no trânsito

Sequência de prédios idênticos  
Casas imensas no centro  
Alternadas por barracos  
Placas com promoções  
Preços que na minha casa são luxo

Pequena distância do ponto à porta  
Desespero dobra a cada homem visto  
Cadeados e trancas são portos-seguros

O corpo reclama, o sono foge  
Deslizo pela cama  
Os lençóis me abraçam  
Mas a insônia chama  
Pesadelos frequentes

Uma dose no boteco da esquina  
Ludibriei os diabos da minha psique  
Oferecendo um banquete alcoólico

Cinco horas da manhã  
O grito do despertador

Atiçou minha ressaca  
O dia-a-dia do labor  
Martelou ainda mais a dor de cabeça

Deu até saudades das doenças  
As mais comuns entre os trabalhadores  
Folga por atestado médico

As quatro paredes do desespero  
Esperam-me no final de semana  
Minha casa, minha condenação  
O encontro comigo mesma  
A morte como perdição

Refeições as mesmas de sempre  
A TV não dispersa minha atenção  
As paredes esburacadas me sufocam

Eterno domingo de finados  
Recheado de livros empoeirados  
Temporal de cinzas pela janela  
Ciclos semanais de pura melancolia  
Registrados nos meus cadernos velhos

Palavras escritas ultrapassaram as linhas  
Folhas sujas por outros goles descontrolados  
Fugiram... não caíram na minha boca.